

O QUE A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO TEM A DIZER SOBRE AS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO?

Claudia Daiane Batista Bettio (Departamento de Psicologia, UEM, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Departamento de Psicologia, UEM, Maringá-PR, Brasil).

contato: daiane.bettio@hotmail.com

Pelo menos desde a publicação do primeiro livro sobre desenvolvimento humano, em 1882, a comunidade científica tem se voltado para as temáticas abarcadas pela psicologia do desenvolvimento, buscando contribuir para o conhecimento até então sistematizado. Com efeito, as diversas abordagens psicológicas têm sido impelidas a se pronunciar sobre o desenvolvimento humano. Em resposta a essa tendência da comunidade científica, a Análise do Comportamento tem publicado, desde a década de 1960, obras consistentes a respeito desse tema. Não obstante, tem havido uma inquietação, por parte de alguns analistas do comportamento, quanto ao fato dessa abordagem não ser usualmente contemplada nos manuais de psicologia do desenvolvimento. Tal inquietação, não raro, vem acompanhada de uma defesa explícita da possibilidade de uma teoria do desenvolvimento em Análise do Comportamento. Contudo, constatou-se que essa defesa respalda-se, prioritariamente, em justificativas de natureza empírica – como o fato de a Análise do Comportamento preocupar-se com o estudo experimental do desenvolvimento humano – em detrimento de uma reflexão filosófica. Tendo por base esse quadro, tem sido realizada uma pesquisa de natureza teórica, cujo objetivo central é avaliar se a proposta de uma teoria analítico-comportamental do desenvolvimento seria coerente com os pressupostos da filosofia que embasa a ciência do comportamento, o comportamentalismo radical. Para tanto, foi realizado um levantamento inicial a respeito do que essa ciência tem a dizer sobre as teorias do desenvolvimento. Os resultados obtidos nessa etapa preliminar apontam que, possivelmente, uma das questões que lance luz sobre a não inserção da teoria analítico-comportamental no rol das teorias do desenvolvimento reside em algumas críticas que ela endereça a aspectos nucleares dessas teorias tradicionais. Essas críticas se dão em torno da discordância sobre cinco aspectos principais: (i) o conceito de estágio, (ii) o papel da idade, (iii) o próprio conceito de desenvolvimento, (iv) o problema da prática da reificação e (v) o emprego da descrição como explicação. Sobre o primeiro aspecto, discute-se que existe vagueza quanto aos critérios que definem o que é um estágio, quantos estágios são necessários para explicar o desenvolvimento e a transição de um estágio para o próximo. Quanto ao papel da idade, é negada a concepção de que o tempo, em unidade de anos de idade, é uma medida que explica o desenvolvimento. A literatura analítico-comportamental também critica a compreensão do conceito de desenvolvimento como um processo teleológico, pautado em estágios fixos, subscrevendo uma ordem invariável. O quarto ponto criticado é a prática da reificação, que ocorre quando constructos hipotéticos são tratados como as principais causas da mudança de comportamento. Somado a isso, critica-se o uso da descrição como explicação, já que isso supostamente resultaria em explicações circulares. Com base nessas críticas, alguns argumentos defendem que o amparo empírico de uma teoria analítico-comportamental do desenvolvimento justificaria uma superioridade dessa proposta psicológica em relação a outras teorias tradicionais. Não obstante, este trabalho pondera que os julgamentos endereçados às teorias tradicionais do desenvolvimento e o argumento de superioridade de uma teoria analítico-comportamental precisam considerar uma discussão que oferece uma leitura alternativa dessas teorias tradicionais.

Palavras-chave: Análise do comportamento. Teorias do desenvolvimento. Desenvolvimento humano.